

Entrevista com a tradutora Beatriz Viégas-Faria (2008)

Sobre William Shakespeare

1. Qual o seu interesse particular em Shakespeare?

Particular é o meu encanto permanente, um deslumbramento que não se esgota (e, pelo contrário, só aumenta a cada leitura) em relação a como o dramaturgo manipulava a linguagem, extraía sons cativantes a partir dos sons de sua língua e, principalmente, frases de efeito – como um músico, quando compõe.

2. Quais os seus métodos e princípios para a tradução de Shakespeare?

Como tenho a liberdade de traduzir em prosa, este é um privilégio que me mantém mais atrelada às intenções de teor do texto original. Meus cuidados são sempre no sentido de manter uma linguagem poética e manter, sobretudo, os significados implícitos que há embutidos nos diálogos (*Romeu e Julieta*, por exemplo, é cheio de trocadilhos e falas com um segundo sentido que muitas vezes é obsceno). Para tanto, há que se encontrar soluções que funcionem no português, que veiculem as mesmas entrelinhas, preservando-as como subentendidos e de modo que os diálogos não pareçam estapafúrdios para o leitor de nossos tempos.

Quanto ao meu método de trabalho, não tenho normas rígidas: posso começar estudando uma determinada edição anotada da peça ou assistindo aos filmes produzidos a partir do texto ou ainda simplesmente lendo a sinopse da peça. Em geral, vou traduzindo bem lentamente, procurando solucionar todas as questões ainda durante o andamento do processo de reescritura do texto – assim garanto que será o mais rápido possível o meu processo de revisão (leitura do texto traduzido como um todo, sem cotejar com o original, para ver se o texto está “funcionando” em português). Uso dicionários de todos os tipos e também dicionários especializados do vocabulário shakespeariano; uso também enciclopédias, livros de História, a internet (com cuidado). Os autores especialistas em Shakespeare (e no Brasil temos nomes importantes) são fonte permanente de consulta. Quanto a outras traduções da dramaturgia shakespeariana, procuro não ler enquanto estou trabalhando – para não me deixar influenciar pela leitura/interpretação de outros tradutores. Depois de pronto o meu trabalho, outras traduções podem ser consultadas no processo de

revisão. Admiro sobremaneira as traduções de José Roberto O’Shea. E Carlos Alberto Nunes, por haver traduzido todas as peças de Shakespeare, é sempre uma referência.

3. O que a levou a traduzir *Romeu e Julieta* (encomenda específica da editora, iniciativa própria...)?

Romeu e Julieta (o primeiro texto shakespeariano que traduzi) aconteceu em função de duas circunstâncias que se apresentaram simultaneamente: o pedido do editor e o momento de decidir que texto eu usaria para ilustrar e aplicar minha idéia de construto teórico para minha Dissertação de Mestrado (em Lingüística Aplicada, que defendi em 1999). A mesma fundamentação teórica e um construto mais refinado e complexo serviram para guiar minha Tese de Doutorado (defendida em 2004, ilustrada com diálogos de *Sonho de uma noite de verão*). Tanto o Mestrado quanto o Doutorado, concluí sob orientação do Prof. Dr. Jorge Campos no PPGL da PUCRS. Com bolsa CNPq, em 2003 fui pesquisadora visitante na University of Warwick, onde estudei teorias da tradução e tradução teatral, com orientação da Profa. Dra. Susan Bassnett (The Centre for Translation and Comparative Cultural Studies, CTCCS).

4. Qual o grau de dificuldade encontrado em sua primeira tradução shakespeariana e o que tem a dizer desta tarefa realizada?

A dificuldade maior que encontrei foi decidir que pronomes pessoais usar e como distribuí-los no texto. Depois de respeitada a hierarquia social entre as personagens, orientou-me principalmente a sonoridade das frases, de modo que eu empregava continuamente o recurso de ler em voz alta a minha tradução, imaginar os diálogos ditos por atores num palco. Primeira decisão: não utilizar, sempre que possível, os verbos na segunda pessoa do plural. Em *Romeu e Julieta* acabou acontecendo algo peculiar: uma personagem tratada como “o senhor” recebe como pronome possessivo o “vosso”.

A tradução de *Romeu e Julieta* foi extremamente prazerosa de fazer, pois me fez deparar com inúmeros desafios, principalmente os trocadilhos e as ambigüidades deliberadas. Garimpar soluções satisfatórias é um processo que no fim se revela muito gratificante.

5. Quando se deu a primeira tradução de Shakespeare e em quanto tempo o trabalho foi realizado?

Em relação a *Romeu e Julieta* e *Otelo* (sendo que por esta tradução recebi o Prêmio Açorianos de Literatura 2000), como eu estava ao mesmo tempo fazendo o meu curso de mestrado, cada peça foi traduzida ao longo de seis meses, em média. Em geral, as traduções são encomendadas e produzidas dentro de um determinado ano e saem publicadas no ano seguinte. O tempo que levo para executar cada tradução vai depender muito de meus outros compromissos – atualmente, como professora, ministro uma Oficina de Tradução Literária (oferecida desde 2005 como curso de extensão da Faculdade de Letras da PUCRS); depende também de o texto ser uma tragédia ou uma comédia – as comédias sempre são mais difíceis e demoradas de traduzir, dada a quantidade de trocadilhos, jogos de palavras, ocorrências de humor. As peças históricas, por outro lado, demandam muitas horas de estudo de fatos históricos. A peça *Ricardo III*, por exemplo, levou-me a abrir uma enorme quantidade de notas de rodapé.

6. Outros comentários:

O texto produzido (recriado e retextualizado em tradução) apresenta-se devidamente calcado em trabalho de pesquisa do texto shakespeariano e do teatro elizabetano. O texto produzido revela nas soluções tradutórias a fundamentação teórica que se origina de minha formação como lingüista (semanticista). Tomo cuidado com os detalhes da tessitura do texto shakespeariano, embora eu traduza essa dramaturgia em prosa. Existe também o meu jeito próprio de escrever (tenho contos e poemas publicados) – este *interfere* no processo tradutório de uma certa maneira exatamente *no sentido de não interferir* no texto do autor estrangeiro: é também por ser escritora que consigo reconhecer no trabalho de outro autor as técnicas de composição. Por outro lado, sabe-se que não existe a invisibilidade do tradutor.

Como estudiosa da tradução de diálogos ficcionais, gosto de pensar que, no caso complexo da tradução teatral, soluções tradutórias a princípio seriam sempre possíveis (para trocadilhos, humor, ironia, etc). O tradutor literário enquanto leitor especializado consegue separar o dito (a superfície do texto) do não-dito (a sua interpretação do texto, derivada de seu processo de leitura); enquanto escritor especializado, ele busca (re)colocar na superfície

do texto traduzido os interstícios do subtexto – deixando igualmente implícitos (sem omitir e sem explicitar) os significados subentendidos do texto-fonte.

Sobre a atividade de tradução:

1. Fale um pouco do seu trabalho como tradutora:

Fiz meu curso de graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, formando-me Bacharel em Letras (Tradutor e Intérprete – Inglês/Português). Meu trabalho inclui anos de experiência com a tradução e versão de textos científicos e técnicos, ao mesmo tempo em que eu freqüentava oficinas de criação literária na busca do meu próprio texto ficcional, sendo que meu objetivo desde sempre foi trabalhar com a tradução literária. Depois de ter alguns contos publicados, apareceu o primeiro convite para a tradução de um romance e, desde então, a tradução de ficção é minha atividade de preferência.

Em 1997, comecei meus estudos de pós-graduação na PUCRS (mestrado concluído em 1999 e doutorado concluído em 2004), na área de Lingüística Aplicada, com todos os trabalhos apresentados e/ou publicados direcionados para a aplicação de teorias lingüísticas a questões da tradução literária. Desde 1997, o estudo ininterrupto de teorias semânticas (e posteriormente também de semiótica do teatro) coincidiu com o trabalho ininterrupto de traduzir a dramaturgia shakespeariana – num processo de sinergia, a tradução das peças enriquece o meu trabalho acadêmico e o meu trabalho de pesquisa contribui para uma sempre crescente melhoria de minhas traduções.

2. Qual o seu interesse maior no campo da tradução (tipo de texto que prefere traduzir e por quê)?

Textos ficcionais são o meu interesse maior, porque a ficção e o uso artístico e estético da linguagem me fascinam desde a infância. A tradução literária, para mim, une trabalho e prazer, me dá a chance de exercitar minha seriedade profissional em cima de algo estimulante, que por vezes beira o euforizante. Admiro quem faz uso original da linguagem (seja em prosa, poesia, teatro, cinema) para contar uma história também original. Admiro, nos autores que traduzo, o cuidado artesanal que encontro na montagem de seus textos; e é esse mesmo cuidado artesanal que me leva a montar minhas traduções de ficção. Tenho especial preferência por diálogos. Argumentações cheias de amor e/ou ódio me encantam.

3. As suas traduções são feitas por encomenda da editora?

Faço as traduções por encomenda antecipada. Os meus alunos da Oficina de Tradução Literária também. A editora (a L&PM de Porto Alegre tem sido a parceira nessa empreitada) passa para mim os títulos que quer ver traduzidos. Eu garanto a qualidade do texto final, pois reviso as traduções linha por linha, cotejando-as com o texto-fonte. Essa é minha função como professora que pretende formar e qualificar tradutores literários para o mercado de trabalho. É importante ressaltar que esses tradutores iniciantes assinam contrato com a editora diretamente e recebem o pagamento por suas traduções também diretamente da editora.

Entrevista concedida por fax em 15/11/2000 e atualizada por e-mail em 2008

Obras traduzidas (até 2008):

1993 – *Contos de Dinossauros*, tradução de contos e poemas de Ray Bradbury. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

1993 – *The Fountainhead (A Nascente)*, tradução do romance de Ayn Rand. Porto Alegre: Ateneu Objetivista e Ortiz.

1997 – *A simples arte de matar*, tradução de contos e um ensaio de Raymond Chandler. Porto Alegre: L&PM.

1998 – *Romeu e Julieta*, tradução da peça de William Shakespeare. Porto Alegre: L&PM.

1999 – *Otelo*, tradução da peça de William Shakespeare. Porto Alegre: L&PM.

1999 – *Objetivismo: a filosofia de Ayn Rand*, tradução do livro de filosofia de Leonard Peikoff. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

1999 – *Dicionário de Alfabetização e Lectoescrita*, tradução do dicionário da International Reading Association. Porto Alegre: Artes Médicas.

2002 – *Minha Longa Milonga*, do músico Cláudio Levitan. Versão para o inglês (*My Long Milonga: twelve songs for Kédainiai*) do encarte do CD e também das letras das canções. Apoio UNESCO.

2006 – *Assassino na chuva*, de Raymond Chandler. Porto Alegre: L&PM.

2007 – *Elliot: fuga para um soldado*, de Quiara Alegría Hudes (finalista do Prêmio Pulitzer, categoria Drama, em 2007), para leitura dramática com direção de William Pereira. Gravado ao vivo no Centro de Cultura Judaica, São Paulo; cópia em DVD.